MARCADORES DISCURSIVOS DE BASE VERBAL PERCEPTIVO VISUAL NO VERNÁCULO DO SUDOESTE BAIANO

Igor Araújo Dantas
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0009-2330-0464
Endereço eletrônico: igordantas.prof@gmail.com

Valéria Viana Sousa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8243-9281
Endereço eletrônico: valeria.viana.sousa@uesb.edu.br

Palavras-chave: marcadores discursivos; multifuncionalidade; vernáculo.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como fenômeno de investigação os marcadores discursivos (MD), em especial aqueles de base verbal de percepção, representados no padrão construcional [verbo$_{PV}$ + (adv)]$^{MD.}$ Recorrentes no vernáculo, estes elementos desempenham um funcionamento coesivo e/ou interacional nas situações comunicativas. Mas, conforme descrito por Freitag em 2007, são alvos de estigma por não haver uma sistematização de seu uso nas obras de cunho prescritivas e/ou pedagógicas.

A respeito de sua conceituação, Brinton (1996) afirma que um único exemplar dessa categoria não é suficiente para contemplar todas as funções pragmáticas e características próprias deste grupo discursivo. Nessa mesma linha, Risso, Silva e Urbano (2006) relatam que os MD são um grupo de elementos de constituição diversificada que se pode atribuir de forma homogênea a condição de uma categoria pragmática bem delimitada linguisticamente. Apesar da variedade que constituem os MD, observamos, em todos eles, traços comuns que os constituem enquanto uma categoria própria. Segundo Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019), os MD se comportam como (a) expressões invariáveis, que são (b) sintaticamente independentes, (c) prosodicamente separados do resto do enunciado e (d) com função

metatextual. Logo, ainda que, aparentemente, não haja uma sistematização desses elementos nos manuais prescritivos, sua recorrência em funcionalidade na língua em uso é notável.

Por isso, este trabalho, cuja discussão é produto e recorte de trabalho desenvolvido em nível de dissertação, teve como objetivo a descrição dos MD no referido padrão construcional considerando os *corpora* do vernáculo do sudoeste baiano. Especificamente, por meio da descrição esperamos identificar propriedades formais e funcionais que os caracterizam e, a partir dessa identificação, elaborar uma rede simbólica nos moldes da abordagem da Gramática de Construções (GC) (Traugott e Trousdale, 2013 [2021], entre outros). Ressaltamos que, para fundamentação de nossa pesquisa, baseamo-nos, além da abordagem da GC, em pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva e do Funcionalismo Contemporâneo e em pesquisadores, para além dos já citados, como Oliveira e Votre (2009), Rosário (2022), Traugott (2022) dentre outros.

Por fim, justificamos nossa pesquisa pela tentativa de contribuição para a compreensão da sistematização do funcionamento da língua em uso, especialmente no que tange os MD. Além disso, visamos oferecer aporte teórico para que pesquisas científicas como a nossa possam chegar às salas de aulas do ensino básico para a discussão da interface discurso e gramática, propiciando uma concepção de adequação/inadequação dos MD nos diferentes contextos e gêneros textuais em detrimento da concepção de certo/errado conforme fora mencionado em Dantas (2025).

METODOLOGIA

Retomando o que descrevemos na seção introdutória, nosso objetivo consiste na investigação do fenômeno a partir da língua em uso, ou seja, em contextos reais de interação. Por isso, este trabalho tem caráter descritivo. Além disso, ancorados em Sampieri *et al*. (1998), afirmamos que esta pesquisa se configura como não experimental, haja vista que não manipulamos as variantes encontradas.

Para coleta de dados, utilizamos os *corpora* do Português Popular de Vitória da Conquista – PPVC, do Português Culto de Vitória da Conquista – PCVC e o *Corpus* Linguístico de Ibicora – CLIBA-BA. Cada *corpus* possui uma extensão de aproximadamente 200 mil palavras. Para extração dos dados encontrados, contamos com o software Antconc.

Metodologicamente, utilizamos os pressupostos do Método Misto (Cunha Lacerda,

2016) a partir da correlação entre análise interpretativa e análise quantitativa. Tal como descrevemos em Dantas (2025), a razão para isso repousa na compreensão de que a utilização de procedimentos que se encaixam em ambos os enfoques permite um aprofundamento do nosso objeto de pesquisa. Em suma, analisamos interpretativamente cada um dos dados encontrados e, após isso, por meio das frequências de ocorrências e de tipo os agrupamos em níveis de esquematicidade na rede linguística.

Na seção sobre resultados e discussões demonstramos e dialogamos com os dados encontrados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos pressupostos metodológicos adotados e descritos na última seção, apuramos uma frequência de 307 (trezentos e sete) MD representados em seis tipos diferentes. A Tabela 1 demonstra esses dados:

Tabela 1 – A frequência dos MD nos *corpora* do PPVC, PCVC e CLIBA

Marcador discursivo	Token	%
Olha	147	47,57
Viu	137	44,33
Olha só	15	4,85
Veja bem	7	2,26
Olha aí	2	0,66
Veja	1	0,33
Total	**309**	**100**

Fonte: Autoria própria.

Os tipos diferentes representam não só um preenchimento fonológico diferente, mas também funcionamento pragmático distintos. Pois, conforme mencionamos, ancorados em Brinton (1996) um único exemplar não é capaz de conter todas as informações presentes na categoria dos MD. A nível de discussão, trazemos exemplo a seguir em (1):

> (27) DOC: E qual é o melhor adubo J* o que você acha? Pra roça INF: Ah moço, eu acho a melhor coisa da roça, pra nós que sofremos, *veja bem*, se você é de prioridade você pegar fazer uma análise da terra, da terra porque a análise é o seguinte: ele vai saber que tipo de calcário, porque tem dois tipos de calcário, aqui pra nós mesmo tem o Itapetinga e tem um (palavra inaudível) chapéu. Então *veja bem*, se você não corrigir a terra toda, o adubo que você joga na terra ele não agradece (J.L.P, CLIBA, p. 11).

Na situação observada em (1), há o aparecimento do MD *veja bem* em dois momentos. Nesse contexto, esses elementos funcionam de modo pragmático como elementos argumentativos. Conforme Martins (2013), em contextos como esses, o MD chama atenção para o que vai ser anunciado com teor avaliativo e, portanto, subjetivo. Em outras palavras, conforme descrito em Dantas (2025), o padrão formal consiste na exposição do ponto de vista do falante e na sustentação de sua opinião. Em (1) a posição do falante é que adubo é a melhor coisa para roça. Na sequência de sua interlocução, ele utiliza os MD para chamamento de atenção da defesa de seu ponto de vista em relação ao que foi apresentado. Entretanto, os MD analisados não atuaram apenas de modo argumentativo. Houve diferentes funcionamentos pragmáticos que, devido a limitação de espaços deste texto, não poderão ser aprofundados, tais como prefaciação, busca de aprovação discursiva, *feedback*, discurso reportado e interjeição.

CONCLUSÕES

Os marcadores discursivos se mostraram produtivos no vernáculo analisado pois, além da recorrência frequência (307 ocorrências) houve uma produtividade na frequência t*ype* a partir dos distintos preenchimentos fonológicos e funcionamento pragmáticos. Apesar dessa pluralidade pragmática, os MD possuem a macrofunção de chamamento do discurso, atuando como elementos subsidiários e conectores nas situações de interlocução. Assim, esta pesquisa, conforme justificamos, oferece aporte teórico para que se fomente a discussão em nível básico de ensino acerca de questões como estigmas e preconceitos linguísticos, bem como a substituição da concepção de certo e errado para uma questão de adequação ou inadequação linguística.

REFERÊNCIAS

CUNHA LACERDA, P. F. A. da. O Papel do Método Misto na Análise de Processos de Mudança em uma Abordagem Construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística. Revista do programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**, volume especial, dez. 2016.

DANTAS, I. A**. Marcadores discursivos de base verbal olhar e ver: uma abordagem funcionalista centrada no uso e reflexões para o ensino.** Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística - PPGLin, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2025.151 f.

FREITAG, R. M. Ko. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem. Interdisciplinar: **Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 4, p. 22-43, 2007.

HEINE, B.; KALTENBÖCK, G.; KUTEVA, T. **On the rise of discourse markers**. Researchgate. Preprint, 1-25, 2019.

MARTINS, L. F. **A gramaticalização de marcadores discursivos com verbos de percepção visual em configuração imperativa:** uma análise construcional. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

OLIVEIRA, M. R. de; VOTRE, S. J. A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jan./jun. 2009. RISSO, M. S.; SILVA, Giselle Machline de Oliveira; URBANO, Hudinilson. Traços definidores dos marcadores discursivos. *In:* JUBRAN, C. C. SPINARDI, C. A.; KOCH, I. G. V**. Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006. p. 403-426.

ROSÁRIO, I. da C. do (org**.). Introdução à linguística funcional centrada no uso:** teoria, método e aplicação. Niterói: Eduff, 2022.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. del P.B. **Metodología de la Investigación**. 2.ed. São Paulo: McGraw-Hill, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.